



editora *ela*

Poemas do
Zé Bona do Jatobá,
um mestre do cordel
aldeias-altense



Copyright © 2021
José de Sousa Lima

Editora: Paulla Kalliny Moura Cronemberger

Diagramação: Fontes Bookman Old Style

Imagem de capa e artes: José Neto Monteiro

Fotos: Marisa Sabrina Nascimento e Antônio Jefson da Costa Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lima, José de Sousa
Poemas do Zé Bona do Jatobá, um mestre do cordel aldeias-altense / José de Sousa Lima o "Zé Bona". -- Teresina, PI : Editora Elã, 2022.

ISBN 978-65-84729-00-1

1. Cordel 2. Poesia brasileira I. Título.

22-99865

CDD-B869.1

1. Poesia: Literatura brasileira B869.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil de 2009.

contato@editoraela.com
imprensa@editoraela.com
Instagram: @editora_ela
facebook: @editoraela
WhatsApp + 55 86 99482-7942
Telefone: + 55 86 99482-7942

Conselho Editorial:

Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB)
Ana Cristina Meneses de Sousa (UESPI)
Bernd Reiter, Ph.D (Texas Tech University)
Cacio José Ferreira (UFAM)
Laurent Vidal (La Rochelle Université)
José Henrique de Paula Borralho (UEMA)
Lucía Tennina (Universidad de Buenos Aires – UBA)
Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)
Sidney Barbosa (UnB)

FICHA TÉCNICA

José de Sousa Lima “O Zé Bona”

Autor cordelista do livro “Poemas do Zé Bona do Jatobá, um mestre do cordel aldeias-altense”

Kedson Araújo Lima

Prefeito Municipal de Aldeias Altas – MA

Prof.^a Msc. Marlete de Almeida Aguiar da Silva

Secretária Municipal de Educação, Ciência,
Tecnologia e Inovação/SEMECTI

Prof.^a Msc. Eielda Fernanda Sousa Aguiar

Gestora Pedagógica da SEMECTI

Prof. Msc. Denilson Barbosa dos Santos

Técnico em Assuntos Educacionais da SEMECTI

Presidente do Conselho Científico e Editorial da
Secretaria Municipal de Educação, Ciência,
Tecnologia e Inovação/SEMECTI

Organizador e Coordenador Geral do processo de
Publicação do livro “Poemas do Zé Bona do Jatobá,
um mestre do cordel aldeias-altense”.

DEDICATÓRIA

Dedico a todos amigos
Meu trabalho em poesia
Meu livro todo rimado
Sendo de minha autoria
O Gestor Escolar Josué
Que sempre em mim
Botou fé em todas
Minha descrição
Minha cabeça é
Uma urna
Nas horas tristes noturnas
Me dar mais inspiração.



AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço
O Deus da soberania
Pelo dom que ele me deu
De rimar poesia
Para rimar, nasci dotado
Que Deus pai sacramentado
Deixou como defesa rimar
Pra mim não é nada
Pela mão da natureza.

Nasci de família pobre
Fui criado em sofrimento
Sem condição financeira
As vezes faltou alimentos
Mas de momento mudou
Quando o poeta casou
Na cidade de Caxias
Aí mudei para o Jatobá
Tá em segundo lugar
De Antônio Gonçalves Dias.

Há 63 anos
Eu moro no Jatobá
Só construí amizade
Que é em primeiro lugar
Aqui eu sou aclimatado
Todo recurso arranjado



Não foi juntado com rodo
Existe aí uma demanda
Que a pedra que muito andar
Nunca pode criar lodo.

Foi em 1900
Em 65 eu me casei
Com Maria Ilza dos Santos
Nunca um desgosto eu passei
Somente tranquilidade
Amor firme e amizade
Nunca houve discussão
Nem briga sem ter razão
Entre nós não existia
Somente amor e alegria
Reinou em nossa união.

Tenho 9 filhos criados
Fora 4 que morreram
Destes 4 falecidos
Jamais a gente esquecerá
Dos vivos tem o Airton e tem
José Ribamar, Carlos André e Gildásio
Um construtor popular
E na parte feminina, Maria Antônia e Sabina
Lúcia Bona e Lucimar.

Sumário



PREFÁCIO	8
1ª PARTE – A VIDA E O MUNDO NA VISÃO DO ZÉ BONA	15
AUTOBIBLIOGRAFIA DO POETA ZÉ BONA EM CORDEL	16
POESIA NA CONCEPÇÃO DE ZÉ BONA	19
A NATUREZA	20
A CRIAÇÃO DIVINA, A GEOLOGIA E AS ERAS GEOLÓGICAS	22
CORDEL METEOROLÓGICO	25
OS PLANETAS DO SISTEMA SOLAR EM CORDEL	28
2ª PARTE – DO EGITO ÀS BACIAS HIDROGRÁFICAS DO BRASIL	32
O EGITO EM CORDEL	33
SIMULAÇÃO DO EGITO	38
DESCRIÇÃO DOS RIOS BRASILEIROS	43
3ª PARTE – GONÇALVES DIAS EM CORDEL ..	49
A VIDA E OBRA DO POETA GONÇALVES DIAS EM CORDEL, DE ALDEIAS ALTAS-MA PARA O MUNDO	50

PREFÁCIO

“Zé Bona e seus cordéis que nos tocam, nos faz sentir, rir, pensar, estranhar, problematizar e aprender”.

Este livro *“Poemas do Zé Bona do Jatobá, um mestre do cordel aldeias-altense”*, constituiu-se em uma coletânea dos melhores cordéis do autor José de Sousa Lima, o “Zé Bona”, escritos por ele desde os seus 20 anos de idade até 2021 quando completou 83 anos. Ao longo desse tempo, alimentava o sonho de publicar seus textos em um livro, por isso conversou com sucessivos governos que administraram a Prefeitura de Aldeias Altas-MA e sempre amargava a tristeza de 4 em 4 anos ouvir palavras jogadas ao vento, contudo, em 09/11/2021 mais uma vez, procurou o novo prefeito e a nova Secretária de Educação, entregou o esboço dos seus textos e externou que estava cansado de promessas não cumpridas e que seu único sonho que ainda alimentava era ter seu livro publicado, pois no seu dizer “[...] eu já estou com 83 anos e será se eu morrerei sem ver meu livro publicado? Minha maior alegria era ganhar esse presente, meus textos são parte de

mim e do meu município” (ver fotos 1 e 2). Nesse sentido, prefaciar este livro constitui-se em uma enorme satisfação, além de uma grande e honrosa responsabilidade, diante das razões, ora expostas, bem como por ter sido uma escolha e um pedido pessoal do autor.



Fotos 1 e 2- Reunião do Seu Zé Bona com a Secretária Municipal de Educação de Aldeias Altas-MA/SEMECTI, Prof.^a Msc. Marlete Aguiar, com a Primeira Dama do município, Prof.^a Esp. Francisca Leite, com a Gestora Pedagógica da SEMECTI, Prof.^a Msc. Elielda Aguiar, com o Técnico em Assuntos Educacionais, Prof. Msc. Denilson Barbosa dos Santos e com a Prof.^a Oslane Cardoso.

Fonte: Educom/SEMECTI-Aldeias Altas/MA, 09/11/2021.

Destarte este livro consolida a inclusão dos(as) autores locais, professores (as) e demais profissionais da educação da Rede Municipal de Ensino de Aldeias Altas-MA no mundo literário como escritores (as) e, sobretudo, como uma política educacional pensada no Governo Trabalhando para Todos e, de modo especial na Gestão do Prefeito Kedson Lima e na Gestão da Secretária de Educação, Prof.^a Msc. Marlete Aguiar, pautada no incentivo à publicação de livros dos profissionais da educação do território aldeias-altense, contendo conteúdos de cunho educacional, científico, acadêmico, escolar, histórico, literário, geográfico, cultural, entre outros. Isto posto, é importante destacar que os livros do Seu Zé Bona e da Prof.^a Oslane Cardoso, são os dois primeiros de uma série de outros livros de autores/escritores locais do território aldeias-altense que serão publicados e distribuídos na Rede Municipal de Ensino e explorados ao longo da FLIAAMA – Feira de Literatura de Aldeias Altas-MA.

Assim, declamados ou cantados, os cordéis do Seu Zé Bona, desde os seus 20 anos de idade (1958) quando passou a morar no povoado Jatobá, zona rural do município de Aldeias Altas-MA, foi o principal, quando não era o único, divertimento da população camponesa aldeias-altense e até mesmo daqueles que viviam na cidade. O tempo passou e até hoje (2021) no auge dos seus 83 anos de idade, os seus cordéis,

sejam poemas, repententes e/ou poesias do Seu Zé Bona continuam divertindo, alegrando, ensinando, emocionando e promovendo profundas transformações e reflexões na vida de todos aqueles(as) que os leem, escutam ou se deixam tocar pelas declamações feitas pelo próprio autor.

Seu Zé Bona não sentou nos bancos escolares ou da universidade, mas frequentou a escola da vida e nela foi alfabetizado, letrado e aprendeu pela tradição oral a produzir e a declamar suas primeiras rimas, pois desde o seu nascimento em 28/03/1938 no seu dizer:

[...]

*Na hora em que Saturno
E Marte passou por cima
Por causa disso o poeta
Nasceu dotado da rima.*

[...]

*Na arte de ser professor
Nunca que fui capaz
Não trabalhei com aluno
Só que conheço demais
É Z Zé e B Bona
Sou poeta e nada mais.*

[...]

Seus poemas, repententes e poesias cordelistas são reveladores da fonte inesgotável do conhecimento interdisciplinar, das

experiências e da bagagem cultural do autor, desde sua vida pessoal, do seu povoado Jatobá e também do seu município Aldeias Altas-MA e do mundo, além de todas as áreas do conhecimento como Geografia, Filosofia, História, Ciências Naturais, Matemática, Astronomia, Hidrografia, Climatologia, Meteorologia, Química, Física, Biologia, Língua Portuguesa, Ensino Religioso, Arte, saberes da Terra e da Natureza, entre outras, abordando sobre a vida cotidiana, os problemas, os avanços, as descobertas e temas de relevância social, de uma forma que só o mestre Zé Bona sabe fazer, a partir da exploração dos recursos literários do gênero cordel. Para comprovar o que vos digo, deixarei o próprio poeta cordelista se apresentar, pois ele se considera:

[...]

*Um poeta de primeira
Cheio de inspiração
Conheço trechos geográficos
E da terra rotação
Água que banham o Brasil
Por mais que tenha extensão*

*Eu conheço as dimensões
Do astro ao globo solar
Constelações planetárias
Meteorito do ar
Cordilheiras Neoatlânticas*



Das profundezas do mar.
[...]
Com a minha inteligência
Estudei todas as fronteiras
Embocadura dos rios
E queda de cachoeiras
Os cursos superiores
Mim considero pavor
Da cultura brasileira.
[...]

O lugar de fala, o povoado Jatobá, a concepção de poesia, a natureza, a criação divina do mundo, a geologia, as eras geológicas, os fenômenos meteorológicos, os planetas do Sistema Solar, o Egito, as bacias hidrográficas brasileiras, o uso consciente dos recursos naturais e a vida e obra do poeta Gonçalves Dias são apenas alguns dos temas apresentados e abordados nos poemas cordelistas do seu Zé Bona neste livro que, ora, vos apresento.

Para tanto, o autor lança mão da simplicidade da “fala” e da liberdade poética que o Cordel lhe permite para abordar temáticas conhecidas por uns e desconhecidas por outros e até mesmo de um jeito bem humorado, levar o(a) leitor(a) a refletir, (re)pensar sobre os assuntos tratados no livro e sobretudo, que faça inferências, problematizações e exercite a arte do estranhamento com vista a superação da visão ingênua, mágica e/ou naturalizante das coisas,

dos fatos e da própria realidade. Em outros termos, que o(a) leitor(a) reflita e pense sobre o seu município, povoado, cidade, estado, país e/ou situações, fatos e acontecimentos que de outras maneiras talvez não pensasse.

Isto posto, caro leitor (a), aqui está um livro de cordel porreta, arretado e danado de bom para ser lido! E se você caro leitor (a) for professor (a) este é um excelente livro para ser explorado como recurso paradidático para abordagem ou aprofundamento dos objetos de conhecimentos dos componentes curriculares do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, bem como para estimular e fomentar a prática de leitura e de escrita como hábito cotidiano entre os estudantes e demais membros da comunidade escolar.

Prof. Msc. Denilson Barbosa dos Santos (Consultor e Assessor Técnico em Assuntos Educacionais da SEMECTI – Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação de Aldeias Altas/MA, 10/12/2021)



**1ª PARTE – A
VIDA E O MUNDO
NA VISÃO DO ZÉ
BONA**

AUTOBIBLIOGRAFIA DO POETA ZÉ BONA EM CORDEL

Eu nasci em Coelho Neto
Estado do Maranhão
Fui violeiro do Norte
Minha primeira profissão
Representando a cultura
Para toda geração

Foi em 1938 eu nasci
A 28 de março
No bairro Curupati
Próximo a Coelho Neto
O poeta nasceu ali

Filho de Bonas Campos
E de Maria de Sousa Lima
Na hora em que Saturno
E Marte passou por cima
Por causa disso o poeta
Nasceu dotado da rima

Com 20 anos de idade
Mudei para o Jatobá
Comprei uma propriedade
E destinei a trabalhar
Foi assim a minha trilha
Casei construí família
Ainda eu habito lá.

Um poeta de primeira
Cheio de inspiração
Conheço trechos geográficos
E da terra rotação
Água que banham o Brasil
Por mais que tenha extensão

Eu conheço as dimensões
Do astro ao globo solar
Constelações planetárias
Meteorito do ar
Cordilheiras Neotlânticas
Das profundezas do mar.

Esse dito Jatobá
É região Gonsalvina
Aonde as faunas cantam
Nas montanhas nordestinas
Procurando um agasalho
E o vento embalando os galhos
No vendaval das campinas

Lá à água cristalina
Na terra do Jatobá
A lua branca de neve
Ilumina todo pomar
Deste quando vai saindo
Até quando vai se sumindo
Nas capas verdes do mar.

Foi então neste lugar

Que eu fiz minha residência
A mais de 40 anos
Terra que o poeta ama
Aonde a lua derrama seus
Raios de refulgência

Com a minha inteligência
Estudei todas as fronteiras
Embocadura dos rios
E queda de cachoeiras
Os cursos superiores
Mim considero pivô
Da cultura brasileira.

POESIA NA CONCEPÇÃO DE ZÉ BONA

Poesia é um dom poético
Que a gente trás no sentido
Sou José de Sousa Lima
Por Zé Bona conhecido
Vou deixar rima no livro
Por este mundo estendido

A NATUREZA

Admiro o metal
Que é obra da criação
Grande luzeiro celeste
Vê-se na constelação.
Os raios do sol de Jesus
Queimando a face do chão.

Ser vir pela amplidão
Resplendores bonitos
O céu com suas galáxias
Cravejada de granitos
De brilhante e faiscante
Em cima nos infinitos.

Resplendores bonitos
Vê-se do globo solar
A luz do polo dez
Que pode fotografar
Grandes montanhas rochosas
Da superfície do mar.

Vê-se astro faiscar
Nas escanções do além
Não se sabe pra onde vai
E nem segue de onde vem
E se esconde nos infinitos
Para séculos sem fim amém.

Só que pra terra não vem
E nem cai no oceano
Esconde-se nos infinitos
Do grande Deus soberano
Para nunca ser visto
Por olhos do ser humano.

Do globo paralelogramo
Pra estrela sirius
Não medem em quilometragem
Que é mais de oito anos luz
Com suas cores destacadas
Com raios de fogo azuis.

Quem dera que sua luz
Brilhasse na terra cham
Focalizasse as montanhas
Netuno cor de romã
Os grandes anéis de Saturno
Brilhando atrás de Titã

Às seis horas da manhã
Se vir pelo alto monte
Os raios do sol dourado
Penetrando sobre as fontes
E às seis da tarde se esconde
Dos confins do horizonte.

A CRIAÇÃO DIVINA, A GEOLOGIA E AS ERAS GEOLÓGICAS

O pai eterno construiu
A quatro bilhões de anos
A superfície terrestre
Os astros e o oceano
Que ainda guarda o segredo
Do grande Deus soberano.

Foi no período arqueano
Que a Terra foi construída
Ainda na era azóico
Que a temo foi abolida
Milhões de anos surgiram
Os primeiros seres da vida.

Veio a cenozoica em seguida
Nasceram os seres viventes
Caíram as primeiras chuvas
Frutificou as sementes
E os seres vivos da terra
Do que se ver no presente

Nestas eras antigamente
Nada na terra existia
Que era composta por água
E a escuridão cobria
O pai eterno repousava
Nas águas depois subia

Diz na Geologia
Que Deus pai segrementado
Ninguém o seu principio
Por mais que seja encubado.
É o pai da natureza
De tudo que foi gerado.

A Terra não tinha forma
E as trevas cobriu o mundo
Deus um espirito santo
Um primeiro sem segundo
Pousava sobre as águas
Num vasto abismo profundo.

Depois que gerou o mundo
O Santo Deus Jeová
Canalizou todas águas
E botou num só lugar
Depois delas reunidas
Deu-lhe o nome de mar.

Aí lhe tornou a falar
Cheio de soberania
Acha luz no firmamento
Deus lhe chamou de dia
E as trevas de noite
Assim diz a profecia

Quando deu no outro dia
Disse ele num só momento

Acha luzeiro celeste
Colocou no firmamento
Os planetas faiscantes
Diz o velho testamento.

Aí tomou um alento
Colheu da terra um bolão
Classificou em matéria
Com a maior perfeição
E assoprou nas suas narinas
E disse levanta-te Adão

Depois de feito o varão
A cenozoica era
Assoprou lhe dando a vida
Classificou a matéria
Em sã e forte e sadio
Depois que estava funero.

CORDEL METEOROLÓGICO

Gira os planetas no ar
Em suas composições
Sua vista humana alcançasse
Via-se mais de milhões
De cometa faiscante
Em suas composições

Já se sabe as dimensões
De seus metais coloridos
De pérolas topázio e cobre
Outros em ouro esculpido
Com as suas idades infinitas
Jamais serão destruídas.

Meteorologia é ciência tão profunda
É diferente da física natural
Que os trechos mitologicamente
Já provem dos tempos primos
São as deusas asteroides
E semi-deuses
Tem nove estrelas que brilha no espaço
Que do sol é mais forte a sua luz
Cinquenta e cinco mil vezes brilham a vigeu
E cem vezes a estrela canoplus
Betejeus, a veiga e prossion

E a entremetida chamada Sirius

É quatro cores diferente Sirius
Tem mistura de ouro e diamante
Duas vezes é maior que o sol
A receber seu nome de gigante
Está com mais oitenta e dois bilhões de
quilômetros da terra está distante

Vente e uma vez brilha mais que o sol
Uma distância da terra incomparável
Pertencente a constelação de Hércules
É onde ela está situada
Com mais de vinte milhões de meteoros
E encapado nas neves congeladas.

Das injustas nações nacionais
Os gregos da Grécia antigamente
Não conheceram o que era astronomia
Uma nave uma sonda espacial
Nesta terra também não existia
Que trouxesse as origens dos planetas
Indicando o que era a mitologia

A de descreve o que é a Via Láctea
O quando é grande da Terra sua lonjura
Conhecido o caminho do Santiago
Observado sobre a neventura
É quinze mil anos luz a sua distância
Que ela está dessa terra de altura.

Os cientistas da Grécia acreditavam
Deste o tempo asiáticos de então

Que era um jato de leite no infinito
E transformou em uma constelação
Que saiu do seio da Deusa Era
Nas infinitas alturas da expansão

A gigante vermelha no espaço
Foi também pela sonda observada
Cinco vezes maior que o sol
É a betelgeuse da luz avermelhada

Oito trilhões de quilômetros de distancia
O gigante vermelha é colocada
Por ela está distanciada
Da terra não dá pra se avistar
Uma grande nave soviética
Pode então no espaço penetrar
Mediu toda distância dos planetas

OS PLANETAS DO SISTEMA SOLAR EM CORDEL

Muito pouco roteiro agente tem
Do menor planeta que é Plutão
Carote é o nome do satélite
Que gira em sua direção
Três mil e trezentos e vinte quilômetros
O planeta contenha de extensão

Em Plutão não existe atmosfera
É congelado a sua temperatura
Tem montanha de pedra com a terra
Suas rochas com gelo se mistura
Seis milhões de quilometro é a distância
Que ele está dessa terra de altura

Em quarto lugar está Netuno
É o planeta mais perto de Plutão
Refrescado de gás congelado
Órion é a sua constelação
Ultrapassando assim o astro rei
Nas infinitas alturas da expansão
Quatro milhões e meio de quilometro
Muito acima do astro sideral
Cinquenta mil quilometro de tamanho
Contou esta nave espacial
Descobriu que Netuno é azul.

Mais não se sabe o que é seu metal

Em terceiro está Urano
É o sétimo do sol distanciado
Calculado a cem milhões de anos
Com asteride celeste foi chamado
É trombada em Urano foi tão grande que o
asteroide ficou espatifado
Três milhões e meio de quilometro
É a distância da terra pra Urano
É os pedaços dos grandes fragmentos
Ficaram aos redores cetilam

Tem quinze satélites e dez anéis
Tudo solto nos astros soberanos
No sétimo céu está Saturno
Seu domínio é aqui que se encerra
Ele tem uma luz cristalizada
Que o lunário é um livro que não erro
Oito vezes e meia é o tamanho
Que saturno é maior que a Terra
São dezoito satélites de Saturno
E o chumbo esculpido é o seu metal
Contém sete anéis bem luminosos
São formados de prata e de cristal
É um gigante dos seres astrológicos
Que habita nos astros siderais
É um bilhão e meio de quilômetros
É um bilhão e meio de quilometro
É a distância da terra pra Saturno.

Lá é frio e seco e melancólico
Masculino terrível e é diurno

É inimigo da natureza humana
Composto de um gênio tarciturno.

O metal de Jupter é o estanho
Se tornando bastante carrancudo
Dezesseis satélites e três Anéis
Circulando seu globo conteúdo
Oitocentos milhões de quilômetro da terra
E é assim que o tempo distroi tudo.

Dizesseis satélite e três anéis
Arredores de Júpiter circulado
É o quarto planeta mais brilhoso
Que da Terra é o mais observado.
Setecentos e oito milhões de quilômetros do Sol
distanciado.

Os dois satélites de Marte são pequenos
E o seu signo é bem martirizado
É o planeta vermelho do espaço
Com dióxido de ferro enferrujado
Sem rochedo de pedra como a Terra
Como em outro jamais encontrado.

Lá existe um vulcão bem conhecido
Que provoca no planeta uma quintura
Quinze graus centigrado pelo dia
E é o que conta sua temperatura
O monte Olimpo mais alto do planeta
Com vinte e cinco quilômetro de altura.

Vênus é o planeta mais brilhoso
É o segundo do Sol distanciado
Sendo um pouco menor do que a Terra
Em distância do Sol é calculado
Cento e oito milhões e duzentos mil quilômetros
do sol fica afastado.

O mais próximo do Sol é o Mercúrio
Por causa disso se torna muito quente
Chega até quatrocentos e setenta graus de
quentura certamente
Quatro mil e oitocentos e setenta de tamanho é
O quilometro legalmente.



**2ª PARTE – DO
EGITO ÀS BACIAS
HIDROGRÁFICAS
DO BRASIL**

O EGITO EM CORDEL

Deixamos a astronomia
Os astros dos infinitos
Que é obra da natureza
Na bíblia assim está escrito
Para falar das pirâmides
Dos faraós do Egito.

Aos longos séculos passados
As datas se decorreram
Dois mil anos antes de cristo
Vários orgulhosos viveram
Nas remotas antiguidades
Fez coisas que comoveram

Trezentos e vinte reis
Da religião mulçumana
Construíram várias pirâmides
Com soberbos desumanos
Existem duas maravilhas
Na terra santa egitana.

A primeira pirâmide foi
Dos degraus em sagará
Feita por reis de Gizé
Este edificado lá
É o mais importante antigo
Monumento milenar.

A segunda foi de Quéops
Gizé metropolitano
Feito antes de cristo
Dois mil e seiscentos anos
Lá é onde se encontra o jazido
Dos faraós egitanos.

Trabalhou quarenta anos
Com orgulho e subúrbia
Centenas de mil escravos
Trabalhava noite e dias
Dois mil e seiscentos quilos
Eram as pedras que conduzia.

Doloroso era quem via
Daqueles escravos os clamores
Mais de duzentos mil escravos
Sofrendo grandes horrores
Vertendo sangue obrigado
As chibatas dos feitores.

Todos de línguas
Cortadas somente pra não contar
Qual era o tipo da massa
Ninguém podia adivinhar
Duque foi feito as pirâmides
Dos degraus em sagará.

Afastada a pirâmide de Quéops
Encontra-se em grande monumento

A colossal estátua da esfinge
Com o rosto exposto ao relento
E as unhas cravadas na terra
E os olhos vibrados no firmamento.

Circulada de pedra e pirâmide
Se desfecha em cabeça humana
É com espectro de corpo de leão
Muito antiga na terra egítana
E está grande pirâmide de Quéops
É quem circula a necropololítana

Está grande pirâmide de Quéops
É construída de massa e pedra dura
É com cento e quarenta e oito metros
É que tem os seus muros de altura
É onde repousa os faraós
E as jazidas de várias criaturas.

Encontram-se os jazidos de setenta
Dos reis faraós que habitaram
E o qual foi duzentos e vinte
Que antes de cristo governaram

Está com três mil e trezentos e cinquenta anos
Quem destes monarcas se acabaram
Ramisés segundo e Tutmés terceiro
Foram estes os mais fortes dos deuses
Conseguiram matar duas mil crianças
Depois disso foi que Jesus nasceu
Tutancâmon rei rico e poderoso

Sua múmia se encontra no museu
Tutancâmon em vida mandou fazer
Sua máscara com muita perfeição
De madeira cedro e de marfim.
Que imitasse assim a sua feição
E botou dentro de um copo de ouro
E trancou e largou com sua mão
Altura de um metro e oitenta e cinco
Feito maciço só de ouro
E duzentos e oitenta e cinco quilos
E o peso do cofre era um estouro
E mais mil e trezentos e três objetos
Valoroso igualmente um tesouro
Foi cárter que abriu o dito cofre
E causou até admiração
Debaixo de uma mortalha vermelha
Encontrou a múmia do rei então
Que até três mil cinquenta anos permaneceu na
escuridão
Cárter e lorde Carnaã
Foi este que veio o cofre abrir
Ototó Noberto e Osvaldo
Pesquisador que vieram assistir
Tinha quatro aspas de prata importante
Facilitando melhor pra conduzir.

A riqueza do rei Tutancâmon
É um tesouro que nunca teve fim
Tem bengalas pulseiras e canas de ouros
Com os pés de leão e querubim
O importante mais rico é o seu trono

Que é de couro de ouro e de marfim.

Sobre a vida dos reis dos faraós
Que viveram nos antepassados
Milhares de anos já foram liquidados
Ninguém mais vai ouvir a sua voz
Só existe um assunto para nós
Que se ver sobre o livro a sua história
E eu tirei da minha veia respiratória
Para um mundo de hoje é infinito
Os sarcófagos do esgoto do Egito
Tudo isso eu trago na memória.

SIMULAÇÃO DO EGITO

Vi as grandes pirâmides do Egito
Miquerino, Quéops construiu
Há cinco mil anos construiu
E vai ficar para todo infinito
Contém pedras misturado com granito.
É soberba dos grandes desumano
Antes de cristo dois mil e seiscentos anos
Vi os tesouros dos ricos faraós
E ainda resta relíquias para nós
Em sistema de desalagoanos.

Vi a estátua de Ramisés segundo
Que contém dezessete toneladas
Já caída na terra estirada
De um terremoto pesado e tão profundo
Há mil anos ele atacou o mundo

Vi um vento assoprando uma grande árvore
Um egitano medindo um hectare
Vi as areias em um monte se ajuntando
Vi as camelas amamentando bem no meio do
Saara.

Vi a escada da torre de babel
No monte ararate e a arca de Noé
Vi o lar de Maria e de José
Vi o trono de Santa Isabel
Vi a luz do anjo Gabriel

Vi também o reinado de arcano
Vi o reino e tenda de vulcano
Vi o lá que morou Judas Tadeu
Vi o prédio do rico fariseu
Em sistema de desalagoano.

Vi também a gruta de Jeremias
Vi o tumulo que Jesus foi sepultado
Vi a cruz que ele foi crucificado
Que no ombro esta mesma conduzia
Vi o grande farol de Alexandria
Que no mar serve de uma estação
Orientando a toda embarcação
Vi o reflexo da luz de um Apolo
Vi a força do vento de Eolo
Arrebentando as fronteiras do Japão.

Vi o prédio de Nabucodonosor
Vi o trono de ouro e predaria
Vi a sala onde ele residia
Num ambiente de brilho e de valor
Vi moloque o deus que ele adorou
Vi o carro de ele passear
Vi uma rede do rei se balançar
Não há riqueza na terra que componha
Vi o famoso jardim da Babilônia
Que da terra é suspenso sobre o ar.

Vi as paletas do sol da palestina
Pelas grutas da terra penetrante
E vi os grifos bravil esturrando

Mais cavernas de pedras das colinas
O esturro da fera assassina
Emita muito um rugido do leão
Vi a morada antiga de um dragão
Nas cordilheiras das serras pedregosas
Vi a queda das águas calabrosas
Se embocando no Rio de Jordão

Vi o eixo da estrela Sirius
Vi pamoná, polar, vespertina.
Vi urano, netuno, matutino.
E vi o trono sagrado de Jesus
Apolo onze acendendo a sua luz
De duas horas pra três da manhã
Quando ia pousar na terra chã
Achei bonita esta nave espacial
Penetrando no espaço sideral
Arrudiando as pedreiras de titã

Eu já subir no espaço sideral
Travessei o ar parado e astros reis
O pai eterno bem feito tudo fez
Os eclipses lunar e espacial
Meteorito amostrando o seu metal
Avistei a estrela Canáplus
Épsilon, Delta e Gamma Crucis.
Vi a tesoura de ouro e purpurina
Cortando as cortes celestes das cortinas
Do santo trono sagrado de Jesus.

Vi um prédio de um rico faraó

Em ruínas no mundo se acabando
Vi o vento do leste assoprando
Vi a igreja batista em Jericó.
Vi o poço profundo e Jacó
Aonde o povo dali se abastecia
Assim diz a sagrada profecia
E vi as joias bonitas de Elcana
E vi o lar da mulher samaritana
Que negou água a Jesus naquele dia.

Eu vi a trilha do rastro de Jesus
Atravessando os campos de Ampelucia
Bebeu água na fonte de Aretuza
E no crepúsculo da noite se escondeu
E vi na hora que ele apareceu
Sobre a margem das águas do Geon
Deitou na sombra dos cedros de Cidron
E com uma hora depois se levantou
E vi na hora que creta lhe beijou
Admirando o reinado de Cion

Vi Caim abatendo seu irmão
Com o osso do queixo de um jumento
Ele era branco e empreitou nesse momento
Pelo crime de sua condenação,
No ano cento e trinta e três da criação
Nas matas do norte da Judéia
Vi quando ele mudou a sua ideia
E vi a barca de Noé se balançando
E vi a barca de Cristo deslizando dentro das
águas da Galiléia.

Eu vi o deserto de oásis
Que tem quase um milhão de hectares,
Imitando o deserto do Saara
Na Arábia saudita é muito mais.
Eu vi as dunas sem sobras vegetar
Tudo feito pelas mãos do soberano
E é trilhado por todo soberano
E é bonito no dia da lua cheia
As monótonas colinas de areia
Que contém no deserto siriano.

Eu vi os dez mandamentos escriturados
Foi encontrado nas tábuas de Moisés
Vi ele lendo ensinando seus fiés.
O que cristo pra se tinha deixado
O povo atento escutou tudo calado
As palavras do velho ancião
Para todos eles lhe dando explicação
E nada mais ninguém vive acreditando
Eu vi os eixos da terra se quebrando
Com o peso da grande geração.

DESCRIÇÃO DOS RIOS BRASILEIROS

De acordo com a hidrografia
Vou fazer uma bela descrição
Dos rios que cobre essa nação
De a foz afluente e harmonia
Combinando com a Geografia
Que é um livro que nos dar a maior certeza
É uns livros maiores da empresa
Deste os afoz afluentes embocadura
Que o Atlântico recebe com fartura
Que transmite com grande ligeireza

Amazonas é o rio mais profundo
Nasce nos andes e de suas cordilheiras
Percorrendo a república do Peru
É ligado assim nessa fronteira
Com o nome do Maranhão ele entra no Brasil
Que formará Solimões nas cachoeiras

Depois de receber o rio negro
Desce estas Amazonas certamente
Seu curso é totalizado
Com seis mil e duzentos quilômetros de
distância
E com quatro mil quilômetros de extensão
E que faz seu curso legalmente
Deságua no atlântico as Amazonas
Recebendo seu curso lamentar
Com trezentos quilômetros de largura

Divide em dois braços no Pará
Pela grande baía do Marajó
E do rio negro chamado Macapá.

Falando nos rios brasileiros
Vendo um em cima citado
Depois faço do trecho revelado
Dos rios dos lagos estrangeiros
Sendo este meu dever primeiro
Só digo por que não me confundo
Amazonas é o rio mais profundo
Ele nasce no lago Laure Costa
No Peru, e lá ele se desabrocha.

Para o norte vem este é segundo
A direita tem muito afluyente
O Cajale é um rio avolumado
No Peru, o Madeira é engrossado
Com as águas que lhe dão e as correntes
Cariri é refrescado e legalmente
Desce este também de boa zona
Quem explica é o poeta Zé Bona

Passa pelo Pará a onde só
E acima da baía de Marajó
Despeja-se também no Amazonas

A esquerda recebe o Içá
Rio Negro também Rio Branco
Cachoeira com salto muito franco
Rio Nope, Jarí e Japurá.

Trombeta Peru e Jamundá
Araguaia e muitos rios maus
Não me lembro de se neste anda naus
Rio Negro no branco faz barroca.
E no Amazonas o Negro desemboca
Muito abaixo da cidade de Manaus.

Ainda recebe as direitas no Pará
O Tocantins, e Xingu com boa foz.
Cá no mar tem o Rio Tapajós
E uma via que vem de Cuiabá
O Anapú eu falo nos de cá
O Madeira é um rio mais colosso
Cachoeira formando belo poço
Engrossado com o Rio Mamoré
Jamarí, Rio Bem Gaporé.
Que separa Bolívia e Mato Grosso.

Tocantins nasce sendo Maranhão
Atravessa Goiás e o Pará
Na esquerda do rio está lá
É o Araguaia com a reunião
Para o rio Pará é quentão
Para o mar ele corre muito bem
Com o Amazonas este vem
Reunindo seu curso semi-nú
E pelos braços do rio Tajipurú
Abaixo da cidade de Belém.

Tapajós ele é alimentado
Pelo um rio chamado Juruema

Urinós com a margem mais serena
Uma serra que corta o estado
De Mato Grosso que sempre é banhado
Pelas águas do rio quando vem
Cachoeira formosa nele tem
Tapajós este vem de boa zona
E se despeja no rio Amazonas
Abaixo da cidade de Santarém

O Xingú ele nasce nas vertentes de uma serra
que corta o estado
E em Mato Grosso ele é alimentado
Com as águas que lhe dão as correntes
Cariri refrescado igualmente
Desce este também de boa zona
Belos cursos também de boas tonas
Muito em cima recebe o Tucuruá
E vai banhando o estado do Pará
E se emboca no rio Amazonas

Despejado vem o rio Gurupi
Separando o Pará do Maranhão
Ele corre com grande extensão
E no oceano despeja ará ali
E eu já ia deixando conhecer
Do capim e do rio Pindaré
O Mearim e Maracaçumé
No Maranhão passa o rio Turiaçú
E em Caxias passa o Itapecuru
E eu não vejo que não é.

O Parnaíba separa mais ou menos o Piauí do Maranhão
De Tabatinga ele desce com razão
E engrossado pelo rio Piauí
Croguéia, Canidé e Potí.
E seus cursos não veem quem o toma
Abaixo da cidade do seu nome
No oceano despeja Arari.

Jaguaribi é um rio do estado
Do Ceará e tem Acaraú
Camucim e rio Coriú
E Jaguaribi é um rio do salgado
Cotingo que desce calculado
E seu curso é muito colossal
Acaraú esse passa em sobral
Jaquaribi vai para Aracati
Rio grande piranhas e o Potengi
Que despeja pertinho de natal

Paraíba do Norte é rio Sul
O seu curso não o vejo quem o tome
Abaixo da cidade do seu nome
Desemboca formando o seu Cuvulco
Isto eu digo por que não sou maluco
Piancó é um avolumado
O Patú igualmente iluminado.
Ainda tem o Curguéia e o Maranguape
Cujo rio quem o vejo quem o tape
O Cabedeiro é o forte do estado

São Francisco é um rio de canoas
Em minas ele nasce sem cuvalco
Este rio separa Pernambuco
De Bahia, Sergipe e Alagoas.
Desemboca no mar em formas boas
Interrompido por uma cachoeira
Paulo Afonso que faz a sua carreira
Pelo rio das Velhas engrossado
Paracatú, rio verde iluminado
E mais outros também nas ribanceiras.



**3^a PARTE –
GONÇALVES DIAS
EM CORDEL**

**A VIDA E OBRA DO POETA GONÇALVES
DIAS EM CORDEL, DE ALDEIAS ALTAS-MA
PARA O MUNDO**

Na terra da laranjeira
Lá nasceu à poesia
Por ser setor Gonçalves
De Antônio Gonçalves Dias
A 83 km é de Caxias afastado

Antônio Gonçalves Dias
Filho de um português
Com uma mulher maranhense
Nasceu na data do mês
A 10 de agosto de 1823

No dia primeiro do mês
Seu pai foi refugiar
Para o sítio boa vista
Onde ficou pra humilhado
Sendo então de Caxias
Quartoze léguas afastadas

Pela força do estado
João Emanuel foi perseguido
Da cidade de Caxias
Resolveu sair fugido
Para o sitio boa vista
E lá ficou garantido.

Ficando lá escondido
Com a sua companheira
Que era a mãe do poeta
Vicenza mendes pereira.
Ela nasceu no alegre
Bem perto da laranjeira.

Vicenza Mendes Pereira
De Caxias viajou
No primeiro de agosto
E nas matas se embrenhou
Chegando no dia 04
No dia 10 descansou

João Emanuel ficou
Não podendo demorar
Pra terra de Portugal
Resolveu embarcar
E deixou Vicenza sofrendo
Nas matas do jatobá.

O ano tinha passado
Da lei da independência
Voltou ele a Portugal
Deixando pobre a Vicenza
Gonçalves com um mês
No lençol da inocência.
Com três anos de ausência
João Emanuel voltou
Com Vicenza mendes pereira

Quatro anos ele passou.
E com Adelaide ramos de almeida
Os quatro anos casou.

Logo aí ele tomou
O menino filho seu
De Vicenza sua mãe
A madrasta recebeu
E matriculou no colégio
De José Joaquim de abreu.

Gonçalves Dias só leu
Nesta escola popular
Um ano completamente
E depois foi estudar
Em outro colégio elevado
Pagando particular.

Seu pai mandou educar
Por ser seu filho primeiro
Com 10 anos no comercio
Do seu pai era caixeiro
Aí se formou como
Um cantor dos meus guerreiros.
Neste país brasileiro
Quinze anos ele passou
Caxias e em São Luís
Quatro aulas frequentaram
E pra faculdade em Coimbra
Pra se formar viajou.

Logo seu pai se prostou
Devido viver doente
E ele ainda em São Luís
Seu pai morreu certamente
E Gonçalves Dias voltou
Pra Caxias novamente.

Tudo ficou diferente
João Emanuel falecido
Sem condições financeiras
E tudo quase vencido
Mais pela madrasta foi
Seu estudo garantido.

Onde aplicou o sentido
Estudou academia
E no colégio das artes
Ciências e poesia
E lições de Matemática
Retórica filosófica.

Mas neste ano em Caxias
Houve uma guerra falada
No morro do alecrim.
A guerra da balaiada.
De Adelaide Ramos de Almeida
A sua loja foi fechada
E não remeteu mais nada.

O bem do estudo seu
Devido a revolução

O comercio enfraqueceu
E chamou-o para o Brasil
Mais não lhe atendeu.

Aí um amigo seu
Incentivou-o a um plano
Em 1840 estudou italiano
Com ajuda dos amigos
Como Antônio Feliciano.

Ele com 22 anos
Deu um passeio no estrangeiro
Em vários países da Europa
Voltou país brasileiro
Depois fundou residência
Sendo no rio de janeiro.
Na viagem do estrangeiro
E com a jovem se encontrou
Com Ana Amélia do vale
Por quem mais se apaixonou
Com Olímpia Cariolanda da Costa
Gonçalves Dias se casou.

Depois de casar passou
Quase dois anos em Caxias
Mudou para o rio de janeiro
Antônio Gonçalves Dias
Levando em suas bagagens
As mais fortes poesias.

Antônio Gonçalves Dias

Chegou ao Rio de Janeiro
Na rua que Tiradentes
Foi ali prisioneiro
Ele fundou residência
Na rua dos latueiros.

Ele no Rio de Janeiro
A malária lhe atacou
Gastrite e pneumonia
E no rio não se tratou
Pra medicina em Coimbra
Pra se tratar viajou.

Chegando lá piorou
Não conseguiu melhorar
Pra capital São Luís
Resolveu embarcar
Foi quando se naufragou
Nas águas apolicas do mar.

O navio da frota grega
Da França se deslocou
Do continente europeu
E em Coimbra ancorou
No posto francês do ave
Gonçalves Dias embarcou.

No dia 10 de setembro
Foi a data da saída
O navio Ville de Bologna
Pra o Maranhão fez partida

E do poeta aproximava
Seus últimos dias de vida.

Pela tarde viajou
Junto com a tripulação
Na vila dos Guimarães
Na costa do maranhão
Tombou num bico de pedra
E naufragou a embarcação.

Toda tripulação consegui escapar
Só morreu Gonçalves Dias
Já por não poder nadar
Suas partes perecíveis
Destruiu dentro do mar.

Foi em 1800
E 64 anos
No dia 03 de novembro
Morreu este ser humano
Ficou sepultado nas águas
Apolice do oceano.

Já estava se aproximando
Das praias da capital
Em poucos tempos ancorava
No porto nacional
As baleias e os tubarões
Fizeram seu funeral

Quarenta anos normais

Formado em literatura
Tinha as mãos e os pés pequenos
E fraco em musculatura
Media um metro e cinquenta
Identifiquei sua altura

Morreu aquela figura
Nas apolicas do mar
Na capital São Luís
Já estava próximo a chegar
Nas suas horas derradeiras
Ainda viu às palmeiras onde
Canta o sabiá.

e o nome certo de sua mãe
Vicenza mendes pereira
Trabalhava como escrava
Na senzala laranjeira.
Vivendo sempre debaixo
Dos verdejantes penachos
Dos coroais das palmeiras.

Naquelas matas selvagens
Dos sabiás verdadeiros
Onde nasceu o poeta
No centro da laranjeira
Ele admirava os cachos
Dos verdejantes penachos
Dos coroais das palmeiras.

